

DOCUMENTOMZÉ – FABRICANDO O TROPICALISMO

Paulo Celso da Silva; Míriam Cristina Carlos Silva*

Fabricando Tom Zé (Brasil, 2006, 90')

Realização: Décio Matos Jr.

Fotografia: Lula Carvalho

Montagem: Leticia Giffoni

Som direto: Aloysio Compasso

Desenho de som: Beto Ferraz

Produção: Primo Filmes, goiabada Productions, Spectra Mídia, Muiraquitã Filmes

Meu filho, o ouvido de dentro não tem
nada a ver com o ouvido de fora.

Heitor Villa-Lobos

Com essas palavras, Villa-Lobos respondeu a Tom Jobim quando questionado sobre como conseguia compor no meio de tanto barulho e agitação. Já a história é parte do repertório de vida de Nelson Pereira dos Santos e foi contada em 1985 pelo próprio Jobim, o qual já foi retratado em dois documentários, *A música Segundo Tom Jobim* (2000) e *A Luz do Tom* (2013). O diferencial do primeiro documentário é fazer a música de Tom Jobim falar por si mesma e o segundo mostra o maestro a partir de sua relação com três figuras femininas importantes na sua vida: a irmã e as duas mulheres. Mas, aqui, a ideia não é Tom Jobim. É Tom Zé.

* Ambos os autores são professores na Universidade de Sorocaba-Uniso/São Paulo/Brasil.
E-mails: paulo.silva@prof.uniso.br; miriam.silva@prof.uniso.br

E Tom Zé ouve com o ouvido de dentro, o ouvido da pele, o ouvido da orelha, o ouvido da boca, o ouvido do nariz, o ouvido dos olhos, o ouvido dos pés... Tom Zé, sem exageros e ufanismos, é todo ouvidos.

O documentário de Décio Matos Jr., *Fabricando Tom Zé* (2006) forma, até agora, uma espécie de trilogia com *Tom Zé, ou Quem Irá Colocar Uma Dinamite na Cabeça do Século?*, de Carla Gallo (2000) e *Tom Zé – Astronauta Libertado*, de Igor Iglesias (2009). São documentários feitos em momentos distintos da trajetória do cantor na última década.

Em termos de lançamento dos discos, em 2000 o público pode conhecer o CD *Jogos de Armar*, um trabalho em que os “acontecimentos sonoros simultâneos, de eventos aparentemente díspares, povoam as faixas”, conforme a descrição feita no Release da gravadora Trama. Esta junção de elementos díspares é ressaltada por Tom Zé no documentário de Matos Jr., quando ele define o pai e a mãe como duas pessoas maravilhosas, mas com cabeças muito diferentes. E conclui: de duas cabeças tão diferentes aconteceu esse prejuízo, o próprio Tom Zé, a junção dos díspares. Vale ressaltar que para Oswald de Andrade, principal influência na Tropicália, segundo a crítica e os próprios tropicalistas, a assimilação das diferenças é um elemento chave.

Nesse disco, *Jogos de Armar*, encontramos sonoridades vindas dos “instromzemento”, como o HertZé, que foi considerado o 'sampler brasileiro', fabricado em 1978, antes do mercado mundial começar a samplear nos anos 1980. O enceroscópico, a serroteria, o buzinório, as canetas Lazzari são outros exemplos da construção de novas possibilidades sonoras.

Em 2006, partindo de uma pesquisa da MTV brasileira que afirmava que o jovem não queria nada com o social, Tom Zé cria o CD *Danç-Êh-Sá*. Dança dos herdeiros do sacrifício. Nas palavras do próprio autor, divulgadas em seu site, o disco:

...inaugura novo estilo pessoal, diverso, diferente, dançante. Lança um CD elaborado a partir de uma pesquisa de marketing da MTV; esta revelou, na juventude, uma inesperada tendência para o hedonismo, o consumismo e a irresponsabilidade social - "Para chegar a esses jovens, mudei tudo que já produzi e segui a sugestão de Chico Buarque de que a canção acabou." São 7 Caymianas para o fim da canção. "Sejam 7, sejam 70, é muito pouco, mas logo os antropólogos, jornalistas e cineastas se mobilizarão, concorrendo para que a juventude se engaje no projeto otimista que é ser o negro que somos, herdeiros do sacrifício de várias nações africanas, cujo sangue depurou a arte e a religião de 3 Américas - vejam-se o samba, a Tropicália ou o rock, o Hip-hop e o reggae.

Em 2009, foi a produção e o lançamento, do CD *Pirulito da ciência*, título retirado da música Fliperama (lançada nos EUA no CD *The Hips of Tradition*, de 1992) que nomeou o CD, o DVD e o Show, percorrendo canções da carreira, histórias e causos nos 50 anos de carreira artística.

Mas, Tom Zé é???

Tom Zé is one of Brazil's most idiosyncratic performers, a pop inventor who by passes the ordinary.

The New York Times

Antonio José Santana Martins¹ nasceu e cresceu em Irará/Bahia/Brasil, no dia 11 de outubro de 1936, em uma família de classe média. A particularidade do lugar, na opinião de Tom Zé, era a "...cultura peculiar e original de sua região "pré-gutenberguiana", na qual fatos e manifestações musicais eram veiculados pela conversa, pelas interações interpessoais".

¹As informações sobre a biografia de Tom Zé foram retiradas do seu site pessoal, disponível em: www.tomze.com.br

Desta tradição oral, contadora de histórias e não letrada, Tom Zé herdou a capacidade performática que coloca o corpo no centro da música, somada à poesia, declamada e quase dissonante em relação aos instrumentos que a acompanham. O corpo, somado aos acessórios, ao figurino e ao cenário, traz uma performance levada ao extremo também pelos demais tropicalistas, que fizeram de suas apresentações uma explosão complexa de signos, em que todos os elementos são elementos de sentido:

Estes recursos permitiam enfatizar o efeito cafona e o humor, contribuindo para o impacto das construções paródico-alegóricas, essenciais à constituição das imagens tropicalistas. Com eles, o tropicalismo reentronizava o corpo na canção, remetendo-o ao reencontro com a dimensão ritual da música, exaltando o que de fato nela existe. Corpo, voz, roupa, letra, dança e música tornaram-se códigos, assimilados na canção tropicalista, cuja introdução foi tão eficaz no Brasil que se tornou uma matriz de criação para os compositores que surgiram a partir dessa época. Caetano e Gil, principalmente o primeiro, não mais abandonaram esta orientação, fazendo do corpo uma espécie de escultura viva. A incorporação desses elementos não musicais provinha do trabalho conjunto que os tropicalistas realizavam com Glauber Rocha, Hélio Oiticica, Rubens Gerchman, Lygia Clark, José Celso. A esse trabalho somavam-se as contribuições dos músicos de vanguarda, dos poetas concretos e da música pop (Favaretto, 1996: 30). Por isso, as apresentações de Tom Zé se assemelham a uma festa. Para Paz (1979) a arte é o equivalente moderno do rito e da festa.

No documentário *Fabricando Tom Zé*, ele retorna a sua cidade natal. Visita vários lugares de referência de sua vida em Irará: sua casa, o comércio de seu pai, a escola, onde conversa com os alunos, explicando o que aprendia e as personagens que povoaram sua vida até 1949, quando se transfere para Salvador para cursar o secundário.

O disco *Jogos de Armar* (2000) é dedicado aos professores, “... que salvaram minha vida. Representando-os: Prof. Artur de Oliveira, primeiro grau; Prof^a Belmira Santos, segundo grau; Profs. Hans Joachin Koellreuter e Ernest Widmer, Universidade de Música da Bahia”.²

O interesse pela música veio no ensino secundário, já em Salvador e daí para a Universidade cursar música com grandes expoentes.

Em São Paulo, em 1968, ocorrem grandes mudanças em sua vida. Participa do musical dirigido por Augusto Boal, *Arena Canta Bahia* e do disco manifesto *Tropicália ou Panis et Circensis*. Além disso, sua música *São Paulo, meu amor* é classificada em primeiro lugar no IV Festival de Musica Popular Brasileira. Grava seu primeiro disco *Tom Zé, Grande Liquidação*, pela gravadora Rozemblit.

Em 1973, com o disco *Todos os Olhos*, a crítica e o público não compreenderam a linguagem inovadora, o que o afastou dos meios de comunicação, mas o fez “escutado pelos melhores ouvidos do País”, conforme afirma em seu site. Contudo, inicia o seu período de ostracismo: discos criativos e inovadores e pouco público. Podemos citar o disco de 1976, *Estudando o Samba*, que no final da década de 1980 será “descoberto” por David Byrne e inicia a trajetória e o reconhecimento internacional de Tom Zé.

Após o reconhecimento internacional veio o nacional e Tom Zé recebeu diversos prêmios no Brasil e no exterior, assim como realizou turnês por todo país e por países europeus e americanos. Sua discografia, incluindo coletâneas, compõe-se³ de:

1968 - *Grande Liquidação* - Rozemblit

1970 - *Tom Zé* - RGE

²ZÉ, TOM. *Tropicalista lenta luta*. São Paulo: Publifolha, 2004, pág. 247.

³Informações retiradas do verbete TOM ZÉ.

Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom_Zé e Discografia no site pessoal do cantor, em: www.tomze.com.br

- 1972 - *Tom Zé - Continental* (relançado em 1984 como *Se o Caso é Chorar*)
1973 - *Todos os Olhos - Continental*
1976 - *Estudando o Samba - Continental*
1978 - *Correio da Estação do Brás - Continental*
1984 - *Nave Maria - RGE*
1990 - *Cantando com a Plateia*
1992 - *The Hips of Tradition - Luaka Bop/Warner Bros*
1997 - *Parabelo - Trilha sonora da Cia. de Dança Grupo Corpo (com Zé Miguel Wisnik)- Continental/Warner Music*
1998 - *No Jardim da Política*
1998 - *Com Defeito de Fabricação - Luaka Bop/WEA*
2000 - *Jogos de Armar (Faça Você Mesmo) - Trama*
2002 - *Santagustin - Trama*
2002 - *20 preferidas - Trama*
2003 - *Imprensa Cantada - Trama*
2003 - *Jogos de Armar - Trama*
2005 - *Estudando o Pagode-Segregamulher e Amor - Trama*
2006 - *Danç-Êh-Sá - Pós-Canção/Dança dos Herdeiros do Sacrifício/7 Caymianas para o Fim da Canção - Tratore*
2008 - *Estudando a Bossa - Biscoito Fino*
2010 - *Pirulito da Ciência - Biscoito Fino*
2010 - *Explaining Things So I Can Confuse You - Luaka Bop*
2012 - *Tropicália Lixo Lógico - Independente/Natura Musical*
Coletâneas
1990 - *The Best of Tom Zé - Luaka Bop/Warner Bros*
1994 - *Tom Zé - Warner*

Participações

- 1968 - *Tropicália ou Panis et Circensis - Philips*
2002 - *Eu Vim da Bahia - BMG Brasil*

Fabricando Tom Zé – O documentário

Em 2005, em sua turnê pela Europa, o diretor Décio Matos Jr. acompanhou o cantor brasileiro, registrando os shows, colhendo depoimentos e vivendo o dia a dia e ouvindo as inúmeras histórias de Tom Zé.

Para “assistirmos/ouvirmos” é necessário aqui afirmarmos nossa posição em relação ao próprio documentário, à definição ou, ainda que seja, uma explicação que nos possibilite dialogar com Tom Zé através das câmeras de Matos Jr. Assim, entendendo com Arlindo Machado:

Poderíamos então definir documentário por uma tautologia: documentário é tudo aquilo que é produzido por uma classe de realizadores chamados documentaristas, assim como música é tudo aquilo que é produzido por músicos, mesmo quando não há som nenhum para ouvir, como no caso de algumas obras de John Cage e Mauricio Kagel. (2011: 8).

Aceitando isso, já temos um posicionamento metodológico importante: Matos Jr é um documentarista e Tom Zé é um músico... Um inventor, um musicólogo que deixou fluir nas mais de 250 horas gravadas sua história. Também é um historiador que divide o objeto de estudo com o diretor do documentário, ou seja, a si mesmo.

Comparando as afirmações de Tom Zé no documentário de 2005 com a entrevista para a Revista da Cultura de 2012, podemos verificar não apenas o óbvio crescimento de suas ideias e projetos, mas da obra *Jogos de Armar* para *Tropicália Lixo Lógico*, lançado em julho de 2012, conseguimos ver a construção e a desconstrução do cantor futurista ou de vanguarda que a mídia – e talvez o público – querem classificar.

São sete anos separando uma obra da outra, porém, em muitos casos, a temática e as perguntas são as mesmas, e o ‘documentado’ não hesita em repetir sua história, seus dramas e dilemas. O compartilhamento da história de vida no documentário vem ilustrado pelas imagens que passeiam de Irará até Paris, de Roma a São Paulo, representada pelas pessoas simples do ponto de táxi, da padaria, do jardim do condomínio que o artista cuida, plantando rosas. Esta incorporação do cotidiano pelo documentarista dialoga com a apropriação do cotidiano existente em muitas letras de Tom Zé, bem como da proposta de Oswald de Andrade para a poesia, como se pode observar neste trecho do poema *Balada do Esplanada*, no qual se mesclam um humor ao mesmo tempo irônico e melancólico, mas, especialmente, a afirmação das coisas cotidianas como matéria de poesia, da poesia presente em tudo:

Há poesia
Na dor
Na flor
No Beija-flor
No elevador

A proposta estética escolhida pelo diretor do documentário para retratar Tom Zé é caracterizada pela mistura. Ao misturar formatos, incluindo-se a animação, tem-se um resultado visual que em muito se assemelha à vida, à personalidade e à musicalidade de Tom Zé, que enxerga possibilidades musicais até mesmo em um esmeril. A *Tropicália*, Tom Zé e o documentário são materializações da antropofagia defendida por Oswald de Andrade e assim explicitada:

Quando justapõe elementos diversos da cultura, obtém uma suma cultural de caráter antropofágico, em que contradições históricas,

ideológicas e artísticas são levantadas para sofrer uma operação desmistificadora. Esta operação, segundo a teorização oswaldiana, efetua-se através da mistura de elementos contraditórios – enquadráveis basicamente nas oposições arcaico-moderno, local-universal – e que, ao inventariá-las, as devora. (Favaretto, 1996: 23).

Dentre os relatos que auxiliam a delinear o personagem Tom Zé, destacam-se Gilberto Gil, que enfatiza a capacidade do músico de sentar para discutir, além da particularidade, da diferença e da originalidade vindas dele e que contribuíram de modo fundamental para a Tropicália. O mesmo Gil já afirmara o surgimento do tropicalismo vindo da preocupação pela discussão do novo, mais do que como um movimento organizado (Campos, 1974). Já Arnaldo Antunes percebe Tom Zé como alguém que se encontrou em São Paulo, por sua linguagem urbana. Afirma que se trata, ao mesmo tempo, do mais nordestino músico da Tropicália e, ao mesmo tempo, tornou-se o mais paulista. Também ressalta que se trata de alguém que “sempre trabalhou cheio de pontas, ele é cheio de arestas”. Neusa Martins expõe que quando o tropicalismo chega, discutindo a modernidade e falando sobre o cotidiano, assimilando linguagens distintas, Tom Zé se enquadrou, pois já estava fazendo isso. E Tarik de Souza afirma que Tom Zé é um pouco diferente dos outros, pois possui mais bagagem que Caetano e Gil, na opinião dele, mais pops. Para Souza, de todos os tropicalistas, é o que tem a bagagem mais sólida.

Tom Zé é detentor de uma linguagem criativa e transgressora, um discurso poético, na acepção de Lotman:

O discurso poético representa uma estrutura de uma grande complexidade. Em relação à língua natural, ele é consideravelmente mais complexo. E se o conjunto da informação contida no discurso poético (verso ou prosa, neste caso isso não tem importância) e no discurso usual fosse semelhante, o discurso artístico perderia todo o direito à existência e desapareceria sem dúvida nenhuma. (1978: 39).

Desta sólida bagagem, permanece o desejo de inovação, o que resulta em um trabalho bastante grande para as audiências, já que ao se desconstruir e reconstruir, Tom Zé continua a colocar em prática uma proposta já existente desde a Tropicália: impor, à crítica e ao público, uma reformulação da sensibilidade à qual o documentário, com sua linguagem, também procura atender, configurando-se como revolucionário, na concepção de Octavio Paz, para quem “o valor de uma obra reside em sua novidade: invenção de formas ou combinação das antigas de uma maneira insólita, descoberta de mundo desconhecidos ou exploração de zonas ignoradas nos conhecidos”. (1990: 133).

Fabricando Tom Zé, um documentário que incorpora os processos, os acasos, o corpo em movimento, o trânsito entre lugares, pessoas e culturas, na figura de Tom Zé, acerta desde o título, já que torna visível a proposta músico-existencial de um artista que se re-fabrica continuamente, de modo minucioso, atento e cuidadoso. Um músico cujo fazer artístico continua a borrar fronteiras, de forma complexa: “Um texto artístico é um sentido construído com complexidade. Todos os elementos são elementos de sentido” (Lotman, 1978: 39).

Fabricando Tom Zé mostra como é possível e necessário renascer, pois ouvir / ver Tom Zé requer um espectador todo ouvidos, disposto a transformar a sua própria sensibilidade, para incorporar a experiência complexa de uma arte ambígua e amalgamada de diferenças, sempre em processo de refazimentos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, O. (1994), *Primeiro Caderno do Aluno de Poesias Oswald de Andrade*, São Paulo, Globo.

CALIL, R. (2012), “Filme monta biografia musical de Jobim” in: Folha de S. Paulo, São Paulo, p. E-12.

DICIONARIO CRAVO ALBIM DA MUSICA POPULAR BRASILEIRA, Tom Zé. Disponível em www.dicionariompb.com.br/tom-ze/dados-artisticos Acesso em 25-07-2012.

CAMPOS, A. de (1974), *Balanço da bossa*, São Paulo: Perspectiva.

FAVARETTO, C. (1996), *Tropicália, alegoria, alegria*, São Paulo: Ateliê Editorial.

LOTMAN, I. (1978), *A estrutura do texto artístico*, Lisboa: Estampa.

LUAKABOP, *Explaining thing so I can confuse you*. Disponível em http://www.luakabop.com/tom_ze/box_set/ . Acesso em 25-07-2012.

MACHADO, A. (2012), “Novos Territórios do Documentário” in: *DOC On-line. Revista digital de cinema documentário*, nº 11, pp.5-24. Disponível em www.doc.ubi.pt Acesso em 20-07-2012.

PAZ, O. (1990), *Signos em rotação*, São Paulo: Perspectiva.

ZANUTTO, C. e RAINIERI, G. (2012), “A terceira lei da Tom Zé Genialidade”, *Revista da cultura # 60* uma publicação da Livraria Cultura, pp. 13 - 18.

ZÉ, Tom, Biografia. Disponível em: www.tomze.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9:biografia&catid=10:biografia&Itemid=11 Consultado em 25-07-2012.

ZÉ, Tom (2003), *Tropicalista lenta luta*, São Paulo: Publifolha.

Filmografia

Tom Zé, ou quem irá colocar uma dinamite na cabeça do século? (2000), de Carla Gallo.

Fabricando Tom Zé (2006), de Décio Matos Jr.

Tom Zé – Astronauta Libertado (2009), de Igor Iglesias.